

## ECOS DA MEMÓRIA NA POÉTICA DE ALDA GRAÇA E CONCEIÇÃO EVARISTO: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO FEMININA

### ECOS DE LA MEMORIA EN LA POÉTICA DE ALDA GRAÇA Y CONCEIÇÃO EVARISTO: UN ESTUDIO DE LA REPRESENTACIÓN FEMENINA

Jailene Santos Costa 1

**Resumo:** *Esse estudo sobre a representação da mulher tem como objetivo analisar os vínculos estéticos e ideológicos na poesia da Africana Alda Graça do Espírito Santo, uma atuante voz feminina e de Maria da Conceição Evaristo de Brito, brasileira contemporânea. Embora as autoras pertençam a geografias diferentes, suas poéticas se aproximam, tanto pela abordagem temática, pois expressam uma visão decolonial e abolicionista, quanto por seus posicionamentos em evocar a memória identitária do sujeito subalternizado, no casa em tela, da mulher negra. Portanto, para a discussão no viés social, foram tomadas como base as concepções teóricas de Antônio Candido, bem como, Inocência Mata e Maria Elisa Cevasco.*

**Palavras-chave:** *Alda Graça. Conceição Evaristo. Poesia. Memória. Mulher.*

**Resumen:** *Este estudio sobre la representación de la mujer tiene como objetivo analizar los vínculos estéticos e ideológicos en la poesía de la Africana Alda Graça do Espírito Santo, una actuante voz femenina y de Maria da Conceição Evaristo de Brito, brasileña contemporánea. Aunque las autoras pertenecen a diferentes geografías, sus poéticas se aproximan, tanto por el enfoque temático, pues expresan una visión decolonial y abolicionista, como por sus posicionamientos en evocar la memoria identitaria del sujeto subalternizado, en el hogar en tela, de la mujer negra. Por lo tanto, para la discusión en el sesgo social, se tomaron como base las concepciones teóricas de Antônio Candido, así como, Inocência Mata y Maria Elisa Cevasco.*

**Palabras-clave:** *Alda Graça. Conceição Evaristo. Poesia. Memoria. Mujer.*

## Meandro da Voz Feminina na Memória Histórica-Literária Através da Poesia

Ao representar a identidade feminina através do sujeito poético, com o objetivo de resgate da memória histórico-literária, as escritoras estudadas têm como temática ideológica fazer ecoar no contexto atual a voz da mulher negra - sujeito duplamente colonizado - durante muitos séculos teve a sua voz silenciada por um sistema sociocultural hegemônico, sobretudo a mulher negra, pois além do preconceito, teve seu lugar social subalternizado por uma sociedade patriarcal que as subordinavam em uma situação de miserabilidade. Nessa voz da pessoa lírica percebe-se a subjetividade das autoras, ambas são mulheres negras que sofreram as condições colonizadoras de seu país. Sendo assim, através dessa proposta em analisar a poética das autoras, o presente estudo buscou identificar como a mulher é representada no contexto social, cultural, histórico e literário. Dessa forma, contribuir com reflexões e questionamentos inerentes à posição da mulher, especialmente da negra, sobre seu processo de inserção numa sociedade que foi condicionada ao regime escravocrata e hoje busca fazer ecoar suas memórias como um resgate e grito identitário.

As discussões sobre a literatura Afro-Brasileira, uma escrita cujo objeto literário se apropria da subjetividade do autor enquanto sujeito negro e em condições subalternas, está ainda em busca de seu lugar em relação à hegemonia das classes literárias já canonizadas. Conforme Mata, (2014, p. 28) “as experiências culturais dos subalternos – dos povos colonizados –, as suas construções culturais são relegadas a um secundário lugar rotulado como “saber local”, que a tradição filosófica ocidental não considera”. Nesse sentido, cabe ressaltar que as discussões sobre a representação da mulher no contexto atual colocam em evidência os desafios enfrentados, suas tímidas conquistas e o caminho que ainda precisam percorrer para trazer a baía o reconhecimento suprimido há anos pela colonização a qual tem um reflexo social na atualidade. Logo, a contribuição de Mata nos permite refletir sobre a aceitação da cultura afro na contemporaneidade, uma arte impregnada da subjetividade do autor e de sua contextualização que nos proporciona uma visão macro da sua cultura e ideologias.

É relevante destacar que a arte, como ficção do real, é condicionada à visão daquele que a criou, sendo assim, transporta o leitor para um mundo de ideologias que culmina não apenas na percepção do seu contexto histórico, mas também, na capacidade de mudança de pensamentos e atitudes frente a esse contexto, já que ela possibilita uma aproximação do leitor às ressonâncias da história e da cultura do ser poético e conseqüentemente das vivências do autor. Essa aproximação da arte, como canal ideológico, no caso em tela sobre o resgate da memória representativa da mulher, instiga o senso crítico do leitor à consideração dos fatores, tanto estéticos, como contextuais, responsáveis por tornar a literatura uma via de mão dupla, ora emociona por seu valor estético, ora favorece a criticidade por seu valor cultural e social, na qual Candido defende ser imprescindível para uma total compreensão do valor literário.

A compreensão da obra não prescindiu a consideração dos elementos inicialmente não literários. O texto não os anula, ao transfigurá-los e, sendo um resultado, só pode ganhar pelo conhecimento da realidade que serviu de base à sua realidade própria. Por isso, se o entendimento dos fatores é desnecessário para a emoção estética, sem o seu estudo não há crítica, operação, segundo vimos, essencialmente de análise, sempre que pretendemos superar o impressionismo. (CANDIDO, 2005, p 61).

Nesse sentido, o conhecimento cultural acerca da figura feminina, como uma intertextualidade que visa desvendar suas condições socioculturais só pode servir como estudo da produção e reprodução de suas práticas e valores que conforme Cevasco (2003, p.149) defende, “Ao fazer uma análise literária, os procedimentos dos estudos da cultura vão indagar as condições de possibilidades históricas e sociais de considerar esse tipo de composição como literatura e vão observar as condições de uma prática.”. Sendo assim, conheceremos na próxima seção um breve panorama do contexto histórico e sociocultural no qual as poetisas Conceição Evaristo e Alda Graça se inspiraram para criarem suas obras. Através da análise dos poemas escolhidos para este estudo, reconheceremos, entre outras questões, como a mulher está representada na estética poética

dessas autoras, uma vez que, conforme cita Candido, o conhecimento contextual só beneficia a crítica literária.

### Alda Graça do Espírito Santo

A poetisa, mais conhecida por seu primeiro nome D. Alda, nasceu em 30 de Abril de 1926 na ilha de São Tomé e Príncipe, que fica localizada na costa oeste africana, mais precisamente no Golfo da Guiné, um pequeno país formado de duas ilhas vulcânicas, e no ano de 2010 veio a falecer quando estava com a idade de 84 anos. Foi uma atuante voz feminina tanto no quadro literário, como no social, político e cultural, sendo professora do primário ainda durante o tempo colonial, escreveu também para uma revista denominada *Mensagem*; participou ativamente da conscientização do povo de São Tomé; foi autora do hino nacional de seu país, com título *Independência Total*; exerceu os cargos de Ministra da Educação e Cultura e Ministra da Informação e Cultura; foi também entre os anos de 1980 a 1990 presidente da Assembleia Popular Nacional.

Com uma extensa vida no âmbito de causas sociais, D. Alda publicou, em 1978, o livro *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, obra que reúne seus poemas escritos nos anos 1950, 1960 e 1970. Com temáticas, ora de protesto à opressão colonial e à escravidão em São Tomé, ora de forte apelo e motivação à valorização do caráter nacional e a reconquista do solo pátrio, uma vez que entre os anos de 1485 e 1491 os portugueses ocuparam as Ilhas onde se iniciou, então, o verdadeiro povoamento da região e o processo de colonização. Esse processo se fez pelo envio de povos oriundos da Espanha, (na maioria genoveses), de portugueses da ilha da Madeira, inclusive de crianças judias arrancadas de seus pais para serem convertidas à força ao cristianismo imposto pelos colonizadores.

As mulheres africanas escravizadas eram usadas pelos imigrantes portugueses com o propósito de reprodução, já que eram poucas as mulheres brancas no arquipélago. As crianças nascidas dessas relações ganhavam uma carta de alforria, esses constituíam um grupo étnico, mais importantes da ilha, denominados de Forros (que significa filhos da terra) considerados como os representantes autenticamente santomenses. Como podemos perceber, São Tomé e Príncipe é constituída por uma população fortemente miscigenada, são predominantemente crioula, e entre outras línguas faladas no país, a oficial é o Português. A independência de São Tomé e Príncipe foi negociada em Argel, em novembro de 1974, e proclamada em 12 de Julho de 1975, na Praça do Povo, em São Tomé.<sup>1</sup>

### Maria da Conceição Evaristo de Brito

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte-Minas Gerais, hoje com idade de 72 anos, viveu com sua mãe D. Joana Josefina Evaristo Vitorino e seus irmãos, de família muito pobre, foi lavadeira, numa situação que ela chama de miserabilidade, por considerar sua posição de mulher negra e pobre ser subalternizada pela classe dominante. Porém, Evaristo (2005) declara<sup>2</sup> que apesar dessa sua condição de pobreza, sua maior riqueza foi ter nascido de uma tradição oral, ter vivido ao redor de palavras, onde sua mãe contava histórias para ela e seus irmãos.

Sendo assim, Conceição salienta ser uma grande amante da palavra e sempre prestou atenção na fala do seu povo ao redor, por isso, sua escrita pode ser considerada uma “Escrivivência”, termo usado por Evaristo (2017): “A escrevivência seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira.” Ela ainda destaca, para expressar que a sua voz e o seu olhar sobre o mundo são transmitidos pela arte da palavra: “Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções.” Evaristo (2017).

<sup>1</sup> Informações conforme fonte: “Mar Horizonte: Literaturas insulares lusófonas” de Jane Tutikian e Luis Antonio Assis Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

<sup>2</sup> Depoimento de Conceição Evaristo “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de Nascimento de minha escrita”, RJ Agosto de 2005. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005 e publicado no livro Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Marcos Antônio Alexandre (org), Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21.

Conceição Evaristo cursou o ensino básico na sua cidade natal; em 1976, deu início à graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, cuja escolha do curso se deu por sua paixão pela arte da palavra desde sua infância, e apenas em 1989 consegue concluir devido em 1980 ter dado a luz a sua filha Ainá; tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro no ano de 1996; em 2011 conclui seu Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Devido à falta de interesse das editoras em publicar suas obras, foi apenas em 1990 que ela estreou na literatura. Em 2003, publicou o romance *PonciáVicêncio*, que narra a trajetória de desencontros e sofrimentos da família Vivêncio, destacando a vida da protagonista Ponciá, uma mulher negra. Em 2006, publica seu segundo romance, *Becos da memória*, um enredo dotado de superação do indivíduo que enfrenta as tensões de uma vida submetida às várias formas de violências. Em 2011, lança o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, com treze contos que narram a vida de mulheres entre sofrimentos e superações. Sempre retratando da figura feminina como exemplo de luta, resistência e superação à discriminação de classe, gênero e raça, Conceição publica a obra poética denominada '*Poemas de recordação e outros movimentos*' são poemas que apresentam o universo das relações de gênero frente a um contexto de denúncia social, com poesias sensíveis e fortemente marcadas pela 'escrivências' da autora. Nele, a poetisa evidencia a figura da mulher colocando-a em cena e em foco.

Através desse breve reconhecimento da trajetória de Conceição Evaristo é possível depreender que seu fazer literário versa em principalmente fazer ecoar a memória da mulher, especialmente a mulher negra. Essa representação na literatura traz a baía uma percepção do contexto brasileiro marcado pela exploração escravocrata no qual a Coroa Portuguesa submeteu o Brasil desde o século XVI em seu processo de colonização. Nesse período, a mulher foi um sujeito sem voz social com uma posição pautada pelos ensinamentos religiosos que as inferiorizavam em relação aos homens. Conforme Del Priore (1997, p. 34) "Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada." Sendo assim, o lugar das mulheres era traçado, tanto pela Igreja, como pelos valores, usos e costumes da miscigenação dos povos que integravam a sociedade colonial.

### **Ecoss da Voz Feminina e de suas Memórias Sob a Colonização**

Nos dois poemas escolhido para essa análise, as poetisas vão revelar pela arte da palavra, entre outros fatores, uma crítica à colonização em ambos os países, propiciando assim, à reflexão acerca do efeito da obra artística, que ora é por si mesma uma substância capaz de expressar emoção e encantamento, ora um instrumento capaz de revelar, além de fatos sobre a cultura de um povo e o reconhecimento do comportamento sociocultural da mulher, como também ideologias socioliterárias.

Vejam os poemas '*Avó Mariana*' do Livro '*É nosso o solo sagrado da terra*' publicado em 1978 por Alda Graça:

*Avó Mariana, lavadeira  
dos brancos lá da Fazenda  
chegou um dia de terras distantes  
com seu pedaço de pano na cintura  
e ficou.*

*Ficou a Avó Mariana  
lavando, lavando, lá na roça  
pitando seu jessu  
à porta da sanzala  
lembrando a viagem dos seus campos de sisal.*

*Num dia sinistro  
p'ra ilha distante  
onde a faina de trabalho*

*apagou a lembrança  
dos bois, nos óbitos  
lá no Cubal distante.*

*Avó Mariana chegou  
e sentou-se à porta da sanzala  
e pitou seu jessu  
lavando, lavando  
numa barreira de silêncio.*

*Os anos escoaram  
lá na terra calcinante.*

*- “Avó Mariana, Avó Mariana  
é a hora de partir.  
Vai rever teus campos extensos  
de plantações sem fim”.*

*- “Onde é terra di gente?  
Velha vem, não volta mais...  
Cheguei de muito longe,  
anos e mais anos aqui no terreiro...  
Velha tonta, já não tem terra  
Vou ficar aqui, minino tonto”.*

*Avó Mariana, pitando seu jessu  
na soleira do seu beco escuro,  
conta Avó Velhinha  
teu fado inglório.  
Viver, vegetar  
à sombra dum terreiro  
tu mesmo Avó minha  
não contarás a tua história.*

*Avó Mariana, velhinha minha,  
pitando seu jessu  
na soleira da sanzala  
nada dirás do teu destino...  
Porque cruzaste mares, avó velhinha,  
e te quedaste sozinha  
pitando teu jessu?*

A poetisa possui ao seu favor a capacidade de inventar e representar através do sujeito lírico, no caso o neto da D. Mariana, a memória da mulher. Avó Mariana veio de outro país para trabalhar numa terra desconhecida, **“chegou um dia de terras distantes / com seu pedaço de pano na cintura / e ficou.”** Os versos evidenciam a opressão feminina na qual São Tomé sofreu no período Colonial. No último verso da primeira estrofe percebe-se que a autora deixa *“e ficou”* separadamente para reforçar uma característica de raízes num local diferente da origem da avó.

Nessa história, a mulher tem pequenos retratos de memória e poucos hábitos culturais, tendo perdido suas raízes e costumes, como se observa na segunda estrofe: **“pitando seu jessu / à porta da sanzala / lembrando a viagem dos seus campos de sisal.”** No caso o jessu que é seu cachimbo, um dos poucos costumes que permanece e será apresentado em outros versos, representa uma forma de cultura da mulher que relembrado seu lugar anterior, mesmo sem esperança, **“onde a faina de trabalho / apagou a lembrança.**

Na quarta estrofe a voz da mulher já é percebida sufocada pela imposição contextual a que essa mulher era submetida, o ser poético conta que a avó *chegou, ficou, lavou, lavou* “**numa barreira de silêncio.**” A seguir a voz do neto toma partido exclamando um pedido, como um clamor à liberdade, para essa avó ir viver suas lembranças perdidas, há anos na fadiga inglória do seu trabalho. A mulher mesmo que aparentemente sem voz, ganha fala nos versos a seguir, evidenciando, porém uma esperança perdida e sufocada pela desvalorização cultural, “**Velha tonta, já não tem terra.**”

Na penúltima e na última estrofe a voz poética, através do neto, vai lamentar o silêncio da voz feminina, calada por uma hegemonia colonial. Há no comovente apelo do neto apenas uma faísca de esperança que as memórias dessa mulher oprimida sejam contadas por uma geração futura, como se depreende nos versos: “**tu mesmo Avó minha / não contarás a tua história.**” “**nada dirás do teu destino...**”

De certa forma, a voz feminina silenciada e constrangida é expressa pelo eu poético, que representa a mulher desde o título do poema, com viés crítico e libertário que clama pelo ressoar da memória e cultura da mulher. Características presentes também no poema de Conceição Evaristo selecionado do seu livro “*Poemas da recordação e outros movimentos*”. Vejamos a seguir:

### Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recorre todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem - o hoje - o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.



A partir do título do poema percebemos que o clamor evocado na poesia da autora toma partido de várias vozes femininas representadas ao logo das gerações, sendo empregado no plural. O sujeito poético assume uma dessas vozes, usando o pronome possessivo “minha”, para desenhar uma imagem e cenário escravocrata. Dá início com a apresentação da sua bisavó: **“A voz de minha bisavó ecoou criança / nos porões do navio.”** Na estrofe a seguir continua revelando a condição da mulher, agora representada por sua avó: **“ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo.”** Passando para geração da sua mãe: **“No fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas”**, agora vai tomar partido na poesia como voz lírica, colocando-se no íterim dessa geração de mulheres, expressando seu clamor: **ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome.**

Além de uma autêntica beleza estética nos versos até aqui apresentados, como por exemplo, o fato da letra “e” ocupar sozinho um verso, podemos depreender daí um ‘escorrer’ desse sangue derramado aos longos dos anos por mulheres escravas submetidas a essas condições escravocratas presentificadas nos versos e com um forte desejo desse lamento ecoar esperança. Para o ser poético sua voz e das demais gerações anteriores será ecoada na voz de sua filha, apresentado a última geração: **“A voz de minha filha / recorre todas as nossas vozes”.**

E a beleza estética continua nos sons dos versos a seguir: **“recolhe em si / as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas.”** Percebe-se tanto no som, quanto no pronunciar das terminações em destaque, o vibrar dessa garganta sufocada e silenciada pela hegemonia, sobretudo de classes e culturas inerente à mulher negra do período colonial e atual, como se percebe refletir nos versos um passado e presente que não se quer e nem se pode esquecer.

O poema sugere um ressoar através da memória, marcada pelas vozes femininas e o desenho construído de suas condições subalternas e a enfática voz possessiva que se posiciona como sujeito de enunciação individual e coletiva, da ideologia de uma revolta e liberdade: **“Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / o eco da vida-liberdade.”** Essa revolta pode ser percebida ainda que tímida e silenciada, retratada nos versos anteriores, quando sugere um momento de resignação: **“Lamento de uma infância perdida”, “aos brancos-donos de tudo.”, “ecoou baixinho revolta/ No fundo das cozinhas alheias...”**

Sendo assim, este é um poema que clama pelo rompimento do silêncio feminino, de modo que, a mulher representada na poesia da autora Conceição Evaristo e da autora Alda Graça, estudadas nessa análise, são mulheres ambas do século XX e sujeitos duplamente colonizados, tanto por suas condições sociais, como por serem mulheres submetidas ao silêncio durante gerações, tiveram seu lugar social suprimido pela condição colonial. A comparação dos poemas analisados revelou um análogo desejo ideológico das autoras que clamam pelo despertar dessas vozes femininas para perceberem seu lugar social, cultural e político.

## Duas Vozes uma Esperança

Através do notável equilíbrio com que as autoras Alda e Conceição apresentam em seu poema os aspectos da representação feminina, suas ideologias foram identificadas por meio da memória, e sua postura idealista a respeito da mulher negra. A ideologia conforme Mata (2014, p. 30), é “um sistema de valores morais, éticos, sociais, culturais, e até espirituais, que condiciona a relação de uma comunidade com o mundo e de que se serve o homem para justificar e interpretar a sua situação e a sua ação na História.” Sob essa reflexão, ambas as poetisas constroem um projeto estético de cunho social que evoca e reivindica o espaço da mulher com esperanças de poder transformá-lo.

Portando, ainda que as autoras estudadas sejam oriundas de países distintos, podemos observar notáveis semelhanças intertextuais na sua temática, sobretudo na sua ideologia. Alguns desses aspectos já citados, como o silêncio, bem como seu rompimento, o cenário com retratos da memória histórica e cultural, denunciam a condição subalterna da mulher negra e motivam para uma revolta e liberdade. A poesia de ambas as autoras engajou-se em um posicionamento crítico defendendo as mulheres negras subjugadas, sendo assim, uma via de mão dupla onde a arte possibilita o prazer estético do texto como também à crítica literária. Conforme Coelho (1991, p. 95) “Ninguém duvida que a Literatura ou a Arte em geral, nada mais são do que formas especiais de relações entre os homens e suas circunstâncias de vida.” Coelho defende que a Arte dependa daquilo que o artista está condicionado, ou seja, do que acontece no espaço histórico,

econômico, social, cultural...

Embora as autoras estudadas estejam em espaços e culturas distintas, ainda assim sua poética se aproxima por ser contaminada de suas condições contextuais, pois observa-se traços de uma voz ideológica abolicionista através da imagem poética construída no decorrer dos versos analisados. Conceição e Alda escrevem no século XX sua literatura em língua portuguesa, equivalem à literatura Afro, na qual está cada dia mais em pauta nos estudos acadêmicos, porém ainda em passos lentos, uma vez que a voz feminina negra, representada na literatura, em grande maioria ainda são negadas.

Nesse sentido, faz-se mister refletir sobre o totalitarismo epistêmico em relação à colonialidade, Mignolo (2004, p. 676) defende que “a colonialidade permaneceu invisível, sob a ideia de que o colonialismo acabou e que a modernidade é tudo que existe. Uma das razões para se ver metade da história é que esta foi sempre contada do ponto de vista da modernidade.” O autor chega a dizer que a “colonialidade era um espaço sem voz” em todos os sentidos, e que essa negação do outro precisa ser superada.

Sob a perspectiva libertadora de Mignolo e a ideologia das autoras estudadas, há uma voz que trata de ecoar uma crítica à fase despótica do cânone literário moderno. Busca-se fortalecer a voz daqueles colocados a margem no campo literário e trazer em cena a memória daqueles oprimidos pela colonialidade, como as mulheres negras.

### Considerações Finais

Constatou-se que há uma intertextualidade histórica e ideológica na poética das autoras por trazer em cena as condições das mulheres negras coloniais. As poetisas Conceição e Alda buscam fazer ecoar a voz e a memória dessas mulheres, e serem plenamente evocadas, não com marcas de sangue e dores, mas com dignidade e força dessa representação feminina. Sendo assim, apesar da distancia na geografia, ambas as autoras propiciaram para este estudo de Literatura Comparada um olhar de cunho estético e crítico social através de seu fazer poético que culminou em reflexões culturais acerca da representação da figura feminina na poética.

Já como escritoras, atualmente há um grande número de estudos sobre a história da escrita feminina, com a intenção de resgatar a verdadeira história das mulheres, para que se possa lançar um novo olhar dentro do espaço literário Contemporâneo, uma vez que os seus nomes foram, por muitos anos, confinados ao silêncio, ou dados a outros indivíduos, por sua vez, masculinos, pela impossibilidade da escritora se manifestar perante a sociedade que era dominada por um pensamento patriarcal. Nesse quadro, a literatura produzida por mulheres foi lentamente ganhando espaço frente à literatura masculina, que já era reconhecida e aceita. Segundo Coelho (1991, p. 92) “[...] a Crítica literária atual empenha-se em detectar as relações entre a obra e a atmosfera cultural em que ela “respira”. É nesse ponto de vista que há, cada vez mais, o interesse pelo estudo da produção feminina, pois ainda conforme a autora, a “busca da identidade” é uma das forças motrizes da atual literatura de escrita feminina.

Nessa perspectiva, o ‘eco-liberdade’, que se fez ouvir no tecido poético das autoras estudadas, procurou agregar uma memória coletiva que foi de importante valor estético e social para essa análise. Na poesia de Conceição Evaristo há o desejo da voz da mulher ser ecoada através da geração futura, representada pela filha do sujeito poético, já na poesia de Alda Graça constatou-se o mesmo desejo através do sujeito lírico representado pelo neto da avó Mariana. Com isso, pôde-se realçar entre as obras a trajetória das vozes de mulheres negras presentes no poema, para refletir sobre as condições coloniais e modernas destas, e a perceber a esperança que a consciência de um fazer coletivo inspira na sociedade.

### Referências

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. **Estudos Literários x Estudos Culturais**. In. *Dez lições sobre os Estudos Culturais*. RJ: Ed Tempo, 2003.



COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1991.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

EVARISTO, Maria da Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

ESPÍRITO SANTO, Alda Graça do. **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

MIGNOLO, Walter D. **Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica**, SANTOS, Boaventura de Souza. (org) **Conhecimento Prudente para uma vida Decente**, São Paulo: Cortez, 2004, pp. 667- 709.

MATA. **Estudos pós-coloniais**. Civitas: Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr. 2014

ALÓS, Anselmo Peres. **Versos pós-coloniais: manifestações poéticas em São Tomé e Príncipe**. UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras – Departamento de Letras Vernáculas. Santa Maria – RS : Itinerários, Araraquara, n. 35, p.119-130, jul./dez. 2012.

MACEDO, Tânia. **Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa**. Rio de Janeiro: Mulemba - revista científica, nº 2, UFRJ - junho 2010.

TENREIRO, F. J. **Coração em África**. Lisboa: África, 1982.

\_\_\_\_\_. **A ilha de São Tomé: estudo geográfico**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. Lisbon: Colibri, 1998, p. 10.

Recebido em 1 de dezembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.